

PROJETOS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA OS ENSINOS MÉDIO E TÉCNICO

Denise Landi Corrales Guaranha

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados parciais de dois projetos desenvolvidos com os alunos do Ensino Técnico Integrado ao Médio - ETIM das áreas de Gestão e Indústria na Escola Técnica Estadual Martin Luther King, pertencente ao Centro Paula Souza - CPS, em São Paulo - SP, Brasil. Essas iniciativas didático-pedagógicas privilegiam a área de língua portuguesa e estimulam desde a leitura até a produção de textos multimodais, no intuito de trabalhar essas habilidades dos discentes por meio da prática, além de abordar problemas socioemocionais dessa faixa etária. O projeto "Círculos de Leitura" é uma parceria do Centro Paula Souza com o Instituto Fernando Braudel de Economia Mundial, de São Paulo. O projeto "SLAM - Batalha de poesias" é uma competição organizada e realizada pelos alunos. Os resultados têm sido surpreendentes à medida que revelam a capacidade deles em articular outros recursos comunicativos além dos verbais; produzem motivação para o aprendizado; e estimulam o gosto pelas práticas de leitura e escrita desmistificando a ideia do senso comum de que os jovens não gostam de ler e escrever.

PALAVRAS-CHAVE: educação, educação profissional, ensino de língua e literatura, leitura e escrita, competências socioemocionais.

PROJECTS FOR TEACHING CONTENTS OF READING AND WRITING FOR THE TECHNICAL EDUCATION AND HIGH SCHOOL

ABSTRACT

This paper presents the partial results of two projects developed with students from Technical Education in Management and Industry areas at the Technical State School Martin Luther King, which belongs to the Center Paula Souza in São Paulo - SP, Brazil. These didactic-pedagogical initiatives privilege the study of the portuguese language and stimulate the reading and the production of multimodal texts with the intent to work the students' abilities through practice, as well as approach socio-emotional problems of this age group. The project "Círculos de Leitura" is a partnership between the Center Paula Souza with the Fernando Braudel Institute of World Economy from São Paulo. The project "SLAM - Batalha de poesias" is a competition organized and carried out by students. The results have been surprising as they reveal the student's capacities in articulate other communication resources other than verbal; produce motivation for learning; and stimulate the taste for reading and writing practices demystifying the common sense idea that young people don't like to read or write.

KEYWORDS: education, technical education, language and literature learning, reading and writing, socio-emotional approaching.



1 APRESENTAÇÃO

O Centro Paula Souza é a autarquia responsável pela administração das Escolas Técnicas Estaduais – ETECs, que oferecem Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, os chamados ETIMs, em período integral, com formação em diversos campos do conhecimento, de acordo com as necessidades de mão de obra ou vagas de emprego das regiões em que se localizam. A Escola Técnica Estadual Martin Luther King, da qual se tratará neste texto, localiza-se no bairro do Tatuapé, cidade de São Paulo, e oferece nessa modalidade integrada quatro cursos em duas áreas: Gestão (Administração e Marketing) e Indústria (Automação Industrial e Mecatrônica). Os programas dos cursos contêm as disciplinas do núcleo básico de Ensino Médio (Português, Matemática, Geografia, História, Filosofia, Física, Química, Sociologia, Inglês) e as disciplinas específicas de cada curso.

Muitas vezes, por trazerem novidades ou por serem mais práticas, os estudantes demonstram maior interesse pelas disciplinas específicas de seus cursos, como Eletrônica, Informática, Técnicas de Marketing ou Teoria da Administração. Assim, os professores da Base Comum do Ensino Médio precisam estar atentos às ferramentas de que dispõem para ministrar suas aulas, na tentativa de sempre estarem atualizados nos conteúdos, bem como buscando novidades que possam enriquecer sua disciplina, atrair a atenção dos jovens e despertar o interesse pelo aprendizado. Outro desafio à escola e aos professores é lidar com o desenvolvimento de competências e habilidades socioemocionais dos jovens, questões que vêm se impondo no ambiente escolar e às quais a escola, como formadora de indivíduos e cidadãos, não pode ignorar.

Dentro do escopo da língua portuguesa, que envolve os conteúdos de gramática, literatura, leitura, produção de textos em geral e técnicos, comunicação e expressão entre outros, há uma enorme gama de projetos viáveis e que têm apresentado bons resultados com o público adolescente, respeitando os preceitos dos *PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2000).

Neste trabalho apresentaremos resultados parciais de dois projetos realizados na ETEC Martin Luther King: os “Círculos de Leitura” e o “*Slam*-Batalha de poesias”. Duas iniciativas que partem de propostas distintas, mas convergentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias: a primeira envolve um trabalho com práticas de linguagem mais formal e privilegia a leitura, uma proposta que parte do professor para os alunos que, aos poucos, assumem o protagonismo das atividades; a segunda envolve práticas de linguagem mais informal e privilegia a oralidade, tratando-se de uma proposta que partiu dos alunos e de suas vivências tornando-os protagonistas no projeto desde sua concepção.

Ambas as propostas partem do conceito de linguagem como “a capacidade humana de articular significados e compartilhá-los, em sistemas arbitrários de representação, que variam de acordo com as necessidades e experiências da sociedade” (BRASIL, 2000, p. 5), com a finalidade de produzir sentido, perceber a arbitrariedade da linguagem e sua função como “produto da criação cultural, nascida por força das práticas sociais [que] tal como o homem, destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular, a um só tempo” (BRASIL, 2000, p. 5).

Nesta perspectiva, um dos sentidos de se aprender a língua que as iniciativas apresentadas neste trabalho buscam é que o estudante tenha a capacidade de “utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação intersubjetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos dos interlocutores; e saber colocar-se como protagonista do processo de produção/recepção” (BRASIL, 2000, p. 10). Nesse processo, no caso da disciplina em questão, é esperado que o estudante compreenda e use a Língua Portuguesa como “geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade” (BRASIL, 2000, p. 10), competência esta que “não está pautada na exclusividade do domínio técnico do uso da língua legitimada pela norma padrão, [...] [trata-se de desenvolver uma] competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade linguística e dos inúmeros discursos concorrentes” (BRASIL, 2000, p. 11).

Assim fundamentados, os dois projetos integrados que serão apresentados a seguir destinam-se a desenvolver as três dimensões das habilidades e competências requeridas pelos PCNs para o ensino da língua:

- a) a da representação e comunicação, cujo viés principal centra-se na reflexão, na interlocução, na busca de identidade e no protagonismo; b) na investigação e compreensão dos fenômenos da língua, nas especificidades das diferentes modalidades e na capacidade da língua de possibilitar a resolução de problemas; c) na contextualização sociocultural, que diz respeito ao uso da língua como inserção harmônica do indivíduo na sociedade. (BRASIL, 2000, p. 14).

O primeiro desses projetos, os “Círculos de Leitura” funcionam numa parceria do Centro Paula Souza com o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, o qual criou essa Organização Não-Governamental – ONG que visa desenvolver e estimular a leitura, além de abordar questões socioemocionais, para crianças e jovens. Foi uma iniciativa da própria administração do Centro realizar um projeto-piloto com dez escolas técnicas, a partir de 2017, entre as quais a ETEC Martin Luther King, por meio da capacitação de professores-parceiros, que inicialmente preparariam os alunos com as leituras propostas e estes assumiriam então a responsabilidade pelo grupo dentro da escola, tornando-se alunos multiplicadores e protagonistas do programa.

Já o segundo dos projetos, o “*Slam* – Batalha de poesias” foi uma proposta introduzida na escola pelos próprios alunos, membros de um grupo que já participava desses concursos em outras localidades. Trata-se de uma competição de poesias com regras bastante rígidas: o tempo máximo de apresentação é de três minutos; o formato é a apresentação oral; não pode haver figurino ou cenário preparados; o número de rodadas depende da quantidade de candidatos participantes; a banca examinadora, composta de voluntários da plateia, escolhe o melhor de cada rodada até restarem dois na última, da qual sairá o vencedor. Normalmente não há prêmios, os participantes ficam satisfeitos somente com o resultado e os que não vencem, com espírito esportivo, cumprimentam o vencedor. Para cada rodada, os *slammers* têm que apresentar um poema inédito, sendo esta exigência um poderoso exercício de criação tanto escrita como oral. Os temas, em se tratando de uma poesia considerada “marginal” – porque nasceu em ambientes populares, fora do circuito editorial -, são sempre fortes e polêmicos, mas muito próximos da realidade vivida por seus autores: racismo, feminicídio, feminismo, intolerância, questões religiosas, violência, miséria, consumismo, capitalismo entre outros.

Assim, aceitando uma proposta inovadora da instituição e uma proposta inovadora dos alunos, tem sido possível estimular a leitura e a escrita entre o público jovem por meio de práticas escolares em que “[o] processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa [procura] basear-se em propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral” (BRASIL, 2000, p. 18), proposta pautada na aceitação da diversidade que pressupõe a língua como instrumento mediador de conflitos e construtor da consciência cidadã.

2 OS “CÍRCULOS DE LEITURA”: HISTÓRICO, METODOLOGIA E RESULTADO PARCIAL

Como registram Pagés e Lamas (2018, p. 35), a ideia de desenvolver os “Círculos de Leitura” teve início por volta da década de 1990, no consultório da psicanalista e filósofa Catalina Pagés que, em parceria com outra médica da clínica, também psicanalista, iniciaram leituras e discussões sobre o livro *A ética*, de Jacques Lacan (1901-1981) que, por sua vez, “fazia referência à obra *O banquete*, de Platão. Passaram então a lê-lo concomitantemente a *O seminário – livro 8: a transferência*, de Lacan”, “obra em que narra os seis meses em que o psicanalista leu com seus discípulos a obra *O banquete*”. Entusiasmadas com a ideia, as psicanalistas formaram grupos de leitura no consultório “nos quais a proposta seria não falar dos problemas, mas ler *O banquete*”, discutir questões do livro. “Assim nasceu uma proposta de saúde: ‘Mais Platão e menos Prozac’” (PAGÉS e LAMAS, 2018, p. 35).

No ano de 2000, por intermédio do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, “que desenvolvia um estudo sobre a violência no município de Diadema – SP, analisando as causas e, ao mesmo tempo, tentando implementar soluções práticas” (PAGÉS e LAMAS, 2018, p. 35) para minimizar o problema, Catalina foi convidada a realizar essas leituras e discussões nas escolas do município, como um possível caminho de prevenção contra o ingresso de adolescentes no mundo do crime, numa parceria do Instituto com a prefeitura da cidade. Como ela diz:

[d]escobri que em cada escola havia jovens que pareciam estar à espera de alguém que conversasse com eles: do porquê de estarem ali; que lugar tinha a escola em suas vidas; quais eram seus medos; quais eram seus sonhos. (PAGÉS e LAMAS, 2018, p. 36)

A partir das escolas de Diadema, Catalina percebeu a grande identificação que os jovens tinham com as personagens das obras lidas nas sessões do Círculo e o forte engajamento que tinham no grupo de leitura. Era preciso, portanto, ampliar as relações com outras escolas e dar crédito a esses jovens que poderiam ser os responsáveis pelas atividades, protagonizando-as. Surgiu, então, a ideia de capacitar os “multiplicadores”, jovens que dariam andamento aos grupos com diálogos “ricos e profundos” (PAGÉS e LAMAS, 2018, p. 37). Hoje, os “Círculos de Leitura” abrangem vários estados: Minas Gerais; Pernambuco; Bahia; e, mais intensivamente, São Paulo e Ceará.

Catalina Pagés propõe uma sequência de obras a serem lidas que possuem algumas afinidades temáticas. No módulo 1, são lidas: *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach; *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry; e *A comédia humana*, de William Saroyan. As três obras trazem em comum as dificuldades do crescimento, as relações familiares, as relações com o mundo externo, as escolhas difíceis, as despedidas, o autoconhecimento. No módulo 2: *Kouros*, de Nikos Kazantzakis; *Noites brancas*, de Fiódor Dostoiévski; e *Dom Casmurro*, de Machado de

Assis. As três obras tratam do tempo, do desenvolvimento do caráter, do destino, dos relacionamentos amorosos.

Entremeadas às leituras anteriores, dependendo do desenvolvimento do grupo, pode-se ler contos de Machado de Assis, “O espelho”; Guimarães Rosa, “Sequência” e “Pirlimpisquice”; José Saramago, “O conto da ilha desconhecida”; poemas variados de autores nacionais e estrangeiros; textos de personalidades contemporâneas, como Barack Obama; além de reflexões filosóficas com textos de Platão, Nietzsche, Ortega y Gasset.

A metodologia divide-se nos seguintes momentos: o grupo organiza-se em um círculo que não deve ser muito numeroso, o ideal são 10 ou 12 alunos; cada um lê um parágrafo do texto, mesmo que tenha dificuldades, cada um tem a sua voz respeitada; o multiplicador interrompe a leitura em momentos que julga adequados, de acordo com o andamento da narrativa, para estimular a discussão sobre o que foi lido por meio de perguntas. Nesse processo, todos têm a liberdade para falar o que pensam e mesmo os mais tímidos são também estimulados a falar pelo multiplicador que tem a função de equilibrar o grupo. Não há pressa de terminar a leitura do livro, haja vista que o importante são os temas que surgem ao longo do processo e a conversa acolhedora que estimula a percepção do outro, dos próprios problemas; a audição do outro, de suas sugestões, das emoções; a prática dos bons encontros e a elevação da autoestima.

Conforme o grupo vai avançando, as leituras também vão se aprofundando: Mark Twain, *Huckleberry Finn*; Shakespeare, *Othelo* e *Romeu e Julieta*; Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*. A cada quinze dias, mais ou menos, aos sábados, o professor parceiro e os alunos multiplicadores visitam a sede da ONG, a chamada “casinha”, situada no bairro do Higienópolis, em São Paulo. O local é um sobrado adaptado para a função de receber os multiplicadores para capacitação em novas leituras. Grupos de várias escolas encontram-se e conhecem-se, trocam experiências, leem novas obras, discutem. A casa foi projetada para que os visitantes sintam-se em um ambiente familiar, acolhedor, com muitas estantes de livros em todos os cômodos o que facilita o acesso ao principal recurso do projeto e desperta a curiosidade dos visitantes.

Ao final de cada encontro, faz-se uma rodada de conversa, em que todos falam sobre a experiência vivenciada, as ideias que tiveram, as opiniões, as percepções. Ao final de cada obra, os alunos são estimulados a escreverem uma carta para Catalina sobre a leitura, as ideias que ficaram, que se fixaram. As cartas são lidas pela equipe da casinha, editadas, publicadas e discutidas também com os jovens. Outras possibilidades podem surgir: a leitura dramatizada; a encenação de obras; a realização de intervalos culturais nas escolas, em que os alunos apresentam trechos da obra; e outras manifestações artísticas tais como criação de poemas, desenhos, músicas, inspirados nas leituras.

A ONG promove também passeios culturais para os alunos multiplicadores ou interessados: visitas a museus, peças teatrais, leitura em praças e parques, sessões de cinema. Além disso, recebe também personalidades, políticos, escritores, atores e autores para dialogar com os jovens. Essas atividades complementares buscam estimular e desenvolver o gosto desses multiplicadores pelas artes e pela cultura além de habilitá-los a conduzir as sessões de leitura.

Quanto ao material utilizado, os livros, estes são distribuídos gratuitamente aos alunos pela ONG, que é patrocinada tanto por órgãos públicos quanto por empresas privadas. Cada escola recebe também os livros conforme vai avançando nas leituras. Esse material fica em um lugar especial da biblioteca, de modo que todos tenham acesso e que os multiplicadores possam

pegá-los para ler com o seu grupo. As obras iniciais são adaptadas para cativar os leitores. As organizadoras da ONG têm uma equipe que seleciona partes das obras que considera essenciais para o primeiro contato dos alunos com os textos. Em um segundo momento, os grupos passam a ler as obras completas.

Nos grupos mais antigos e regulares, são desenvolvidos também “Diários de Bordo” *online*. Um grupo é criado no *Whatsapp*, os alunos participantes registram seus depoimentos e o professor parceiro acompanha esses relatos como observador do grupo.

Na ETEC Martin Luther King, o programa continua até hoje. Os grupos não são fixos nem regulares, mas estão resistindo. No ano da implantação, em 2017, um grupo de alunos do ETIM de Administração optou por manter os “Círculos de Leitura”; em 2018, um grupo do ETIM de Mecatrônica assumiu a responsabilidade; em 2019, o grupo é tocado novamente pelo ETIM de Administração. Os resultados têm sido positivos: há alunos que começam as leituras com dificuldades, leem com voz muito baixa, lentamente, entrecortando o texto, pronunciando as palavras de modo inadequado ou com pouco domínio do vocabulário e, em pouco tempo, apresentam melhora no desempenho. Na produção de textos após a leitura, os alunos revelam-se mais capazes de escreverem poemas, fazerem reflexões, produzirem textos verbais e não verbais, multimodais, bem como têm mais repertórios lexical e temático.

No aspecto socioemocional, há avanços nos relacionamentos interpessoais, cada elemento do grupo aprende a ouvir e respeitar o outro, a expressar suas emoções, a debater problemas, às vezes até pessoais, que são acolhidos e discutidos pelo grupo. Nesses casos, o espírito de união fica mais evidente.

A ideia é que o professor parceiro acompanhe o grupo de longe e interfira somente se houver algum conflito. O importante é que os multiplicadores sejam protagonistas e sintam que estão realizando algo importante e que possam também dar “voz e vez” a outros alunos no ano seguinte. Pelas atividades de participação e de monitoria, os alunos recebem certificados do Instituto Fernand Braudel e dos “Círculos de Leitura”, o que também enriquece desde cedo o seu currículo.

O contato com obras clássicas, aquelas de qualidade reconhecida academicamente, desperta o interesse e o gosto pela leitura, resgata também o prazer de ler pela beleza das palavras, pelos exemplos da história, por aquilo que se pode levar para a vida, pois são conhecimentos e vivências universais. Não há provas, avaliações ou testes nem o projeto visa a concursos vestibulares embora seus efeitos possam ser observados nesse âmbito também. O projeto constitui um importante estímulo, em última instância, ao desenvolvimento da cultura e das artes, do trabalho com a linguagem e os participantes podem encontrar um respaldo, na ficção, para um amadurecimento interno mais tranquilo.

Entre os muitos resultados obtidos na prática, por conta da extensão deste trabalho, selecionamos um exemplo, Figura 1, para apresentar como resultado parcial do projeto “Círculos de Leitura”. Trata-se de um texto verbo-visual produzido após a leitura de *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago (1998), em maio de 2019.

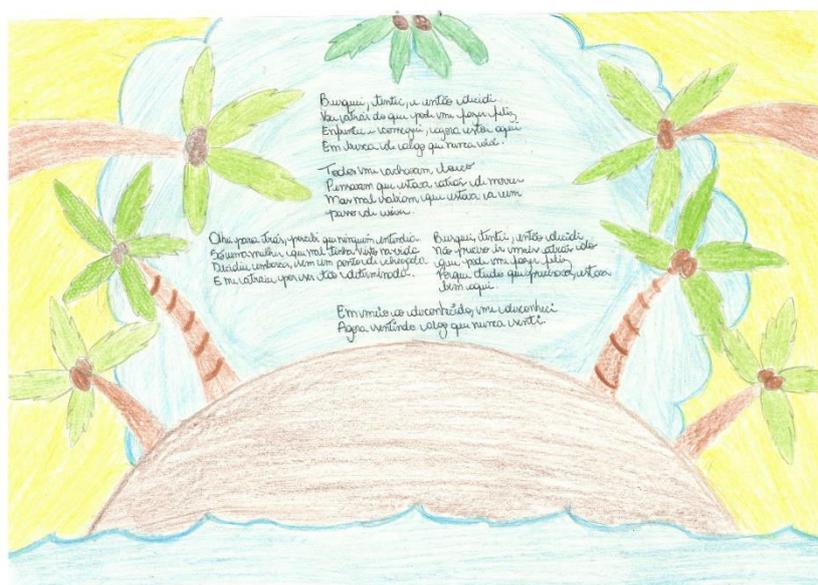


Figura 1: Desenho e poema elaborados por K. T., aluna da 2ª série do ETIM de Administração¹.

A escolha do material deveu-se, entre outros motivos, ao fato de que se trata de uma produção em que a aluna, convidada a fazê-la a partir das sessões de leitura do referido conto, revelou a capacidade de dialogar com a narrativa intergenericamente, ou seja, por meio da construção de um gênero textual diferente do primeiro: um poema narrativo, concomitantemente lírico e épico. Isso revela certa consciência crítica da autora de que, não obstante haja categorizações clássicas para os gêneros, os poemas são do campo lírico, as narrativas são do campo épico e as peças de teatro sejam do terreno dramático, “inexiste uma obra puramente lírica, puramente épica, puramente dramática” (MOISÉS, 1995, p. 56).

A produção revela, ainda, uma preocupação com a norma culta da língua, com a construção de rimas e com certo rigor métrico, contudo mais do que preocupações apenas baseadas em clichês acerca da concepção do que é um poema sob a perspectiva exclusivamente formal, pode-se dizer que no texto da estudante ecoa o estilo de Saramago ao enfatizar os seguintes aspectos: o escritor português é, basicamente, um grande contador de histórias e é esse um dos fatores que o tornaram tão popular; o escritor sempre revelou uma preocupação essencial com a linguagem, de modo que o caráter narrativo de suas obras imiscui-se com o aspecto poético de seu texto, dado que parece ter sido percebido pela leitora ao longo do processo; o escritor apresenta um engajamento social bastante evidente, mas seus personagens sempre são indivíduos que se destacam do terreno comum e questionam os sistemas de valores que lhes são impostos, ou seja, pode-se dizer que a liberdade é um dos temas presentes na obra em questão de Saramago e que permeia grande parte de sua produção e que essa liberdade

¹ “Busquei, tentei, e então decidi/Vou atrás do que pode me fazer feliz/Enfrentei e consegui, agora estou aqui/Em busca de algo que nunca vivi. // Todos me achavam louco/Pensavam que estava atrás de morrer/Mas mal sabiam que estava a um/ passo de viver. // Olhei para trás, percebi que ninguém entendia/Só uma mulher que mal tinha visto na vida/Decidiu embarcar sem um ponto de chegada/E me atraiu por ser tão determinada. // Busquei, tentei, então decidi/Não preciso ir mais atrás do/que pode me fazer feliz/ Porque tudo que precisava, estava/bem aqui. // Em meio ao desconhecido, me desconheci/ Agora sentindo algo que nunca senti.”

consiste, antes de tudo, na busca do autoconhecimento (CALBUCCI, 1999, *passim*; LOPONDO, 1998, *passim*).

O texto verbal da produção integra-se ao visual e a imagem não apenas ilustra as palavras, mas as emoldura de modo que os elementos figurativos para ela convergem para revelar a integração harmônica dos diferentes códigos, o visual e o verbal. Esse aspecto do trabalho é relevante, pois a produção verbal apresenta um tom confessional que (re)tematiza, a partir das experiências da leitora, um dos problemas que a obra que serviu como inspiração propõe: a busca do desconhecido implica, necessariamente, buscar algo que não está próximo?

Nesse viés, a leitora-produtora, assumindo a voz do protagonista do conto, reconstrói e sintetiza, estilisticamente, a trajetória dele. A percepção de que a descoberta do desconhecido não é, necessariamente, a descoberta de algo que não se tem representa uma ruptura entre os conceitos do senso comum de conhecimento/desconhecimento e essa ruptura materializa-se formalmente no poema justamente por meio da ruptura entre as duas últimas estrofes e o resto do texto. Trata-se, mais uma vez, de uma prática de construção crítica de textos integradora de forma e sentido. Este resultado parcial, pelas qualidades apresentadas, tem estimulado a escola a manter o projeto e a ampliá-lo, bem como a fomentar a articulação dele a outra iniciativa que será apresentada a seguir.

3-“SLAM - BATALHA DE POESIAS”: HISTÓRICO, METODOLOGIA E RESULTADO PARCIAL

Num caminho complementar, o movimento do “*Slam* – Batalha de Poesias” inspira-se em outras iniciativas como o *Hip Hop*, o *Rap* e a *Spoken Word* ou *Spoken Poetry*, todas ligadas à cultura dos afrodescendentes nos Estados Unidos. São formas de declamação de poemas que, por vezes, aproximam-se da música, por vezes da fala, por vezes do teatro, da performance, do protesto, do manifesto:

[c]onforme descrito por D’Alva, o primeiro *slam* aconteceu na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 1986 em um bar de jazz. O criador do *Uptown Poetry Slam* era um operário da construção civil e poeta, chamado Mark Kelly Smith. Pegando o nome *slam* emprestado das finais de torneios de *baseball* e *bridge*, Smith passou a organizar noites de *performances* poéticas onde o público podia dar nota aos melhores *slammers*. Pouco a pouco o formato pegou e as competições passaram a se espalhar para outras cidades dos Estados Unidos e depois mundialmente. (STELLA 2015, p. 2).

O início desse movimento, segundo Stella (2015, p. 1), “está dentro de um movimento mais amplo” ou é “um desdobramento” de um:

[c]ampo literário marginal periférico, pois os estudos sobre literatura marginal e saraus periféricos apontam que essas manifestações culturais criadas entre o fim da década de 1980 e no decorrer da década de 1990, podem servir como uma base para outros desdobramentos culturais, já que além da promoção de atividades culturais eles reorientam a própria visão do que é periferia e marginalidade. (STELLA, 2015, p.1)

Essa literatura é considerada “marginal” por vários motivos: por estar fora do campo comercial das editoras, já que é falada; por ser apresentada nas ruas e ser aberta a todos que queiram participar, inclusive os jurados são voluntários escolhidos entre o público; pela temática, que são as vivências das classes mais desfavorecidas da população com a violência, o preconceito, a intolerância, o desemprego e a exclusão social; e pela forma que, muitas vezes, não respeita as regras da gramática e inclui até o uso de palavras de baixo calão.

A primeira “Batalha de Poesias” da ETEC Martin Luther King aconteceu em 2017. O evento foi sugerido pelos próprios alunos e aceito pelos docentes que pretendiam dar aos alunos a oportunidade de protagonizarem as práticas culturais escolares. Eles se responsabilizaram por toda a organização, convidaram um *slammer* conhecido já no meio deles para uma oficina de rimas. Depois, houve apresentações dele e dos poetas da escola. A partir de então, novos eventos de *Slam* foram realizados e, em 2017 mesmo, dois alunos da ETEC Martin Luther King participaram de uma batalha entre escolas de São Paulo, organizada pelo grupo mais famoso da cidade, o “*Slam da Guilhermina*”:

[a] batalha de poesias da Guilhermina Esperança que ocorre toda última sexta-feira do mês numa praça ao lado do Metrô que dá o nome ao *slam*, localizado na Zona Leste da capital paulistana. O *Slam da Guilhermina* reúne cada vez maior número de participantes (competidores) e público, desde seu início em fevereiro de 2012. [...] O *Slam da Guilhermina* [...] já possui antologia de poemas publicada com recursos próprios, tendo inclusive um de seus membros selecionados para competir na Copa do Mundo de Poesias em Paris, com participantes vindos do mundo inteiro. (STELLA, 2015, p. 2)

É preciso que se tenha uma concepção cidadã do ensino e aprendizagem da língua para pôr em prática a proposta do *Slam* no ambiente escolar, principalmente pelos atropelos à gramática normativa e pelo uso de palavras de baixo calão, que podem parecer ao senso comum uma agressão às práticas pedagógicas tradicionais. Contudo, se os professores forem preparados para compreender e administrar o fenômeno, isso constitui, no campo da experiência pessoal, uma oportunidade de aproximação entre escola e comunidade, entre professores e alunos e uma prática produtiva de reflexão crítica sobre a linguagem e seus usos.

Sendo assim, no campo das práticas de ensino, trata-se de uma oportunidade única de trabalhar, durante as aulas de língua e literatura, os diferentes níveis de linguagem e a adequação de cada nível à situação de comunicação que se apresenta. Como se trata de poesia de protesto, que nasce dos processos de marginalização aos quais a sociedade relega certos indivíduos, a linguagem do *Slam* apresenta, por meio de seus aspectos informais e até agressivos, a expressão autêntica e catártica dessas vivências. Mais que protesto, a prática representa a tomada de consciência do indivíduo quanto ao poder da palavra como instrumento para reivindicar seus direitos ou dos grupos menos favorecidos. Para além das aulas de língua e literatura, essa experiência pode trazer resultados positivos também nas aulas de Geografia, História, Filosofia e Sociologia, configurando-a como uma prática interdisciplinar.

O resultado positivo desse projeto pode ser medido pelo fato de que, a cada evento, aumenta o número de participantes, seja para apenas ler suas criações ou mesmo para competir. Há alunos que já são reconhecidos pela qualidade de seus textos e aos quais todos querem ouvir, o que comprova que a poesia tem encontrado novos caminhos de se perpetuar como expressão artística que, em certo sentido, retoma a oralidade que a caracterizava tanto no mundo clássico, por meio dos aedos ou rapsodos, quanto no mundo medieval, por meio dos trovadores. Esse tipo de reflexão, a partir do evento, caracteriza mais um modo de articular a prática do *Slam* aos programas das disciplinas de literatura do ensino médio.

Os participantes e a plateia vão estabelecendo uma conexão, de certa forma tão íntima, que quando um verso falado comove ou provoca uma emoção, o público manifesta-se estimulando o *slammer*. O auditório da escola fica repleto quando se anuncia que vai haver *Slam*. Os docentes que trabalham com a língua portuguesa certamente têm, entre seus objetivos, promover o interesse dos jovens pela leitura e escrita, bem como desenvolver nos estudantes

essas habilidades, fazendo com que se tornem “sujeitos do próprio discurso”, como afirma Mortatti (1999, p. 70): um “sujeito polifônico, síntese de diferentes vozes social, histórica e ideologicamente situadas”; e que possa “utilizar a língua [para] construir sobre o mundo uma representação, [...] agir sobre o outro e sobre o mundo, por meio do texto: realidade concreta da língua, lugar da enunciação e da interação verbal e unidade de sentido, onde autor e leitor se tornam interlocutores”(MORTATTI, 1999, p. 71).

A seguir, um exemplo de texto declamado no *Slam*, por P. B., do ETIM de Marketing:

Tudo posso naquele que me fortalece
É assim que começo essa oração
Faço dos ensinamentos de Cristo
A minha vela no meio da escuridão
Hoje minhas palavras não vão para nenhum tipo de deus
Mas sim àqueles que usam seu nome em vão
Com falsas promessas e o livro sagrado em mãos
E fazem Deus sentir saudades do tempo que só existia Eva e Adão
Pra começar vamos dar nome aos bois
Edir Macedo, Silas malafaia e Valdemiro Santiago
Esquecem de Jesus para comerem da melhor ração
Esses bois fazem de Adolph Hitler o seu rei do gado
São discursos vazios
Prometendo livrar o povo de todo o mal
Mas o único paraíso que conhecem
É o paraíso fiscal
E não adianta na missa de domingo
Dobrar os joelhos
Se no resto da semana
O seu olhar doente
Deixa claro o preconceito
Se isso é Deus, então sou ateu convicto
Faço de Racionais, Criolo e Chico Buarque
A minha santíssima Trindade
A inquisição não é de agora
Só mudou quem tá sendo condenado
E que todas as mulheres queimadas na fogueira
Ressuscitem como Lázaro
Peço até desculpas
Por colocar as minas no meio
Essa parte é das minhas parceiras de luta
E para não perder o costume, ele nunca
Trocarão os ensinamentos de Cristo e livros sagrados
Por um desumano plano empresarial
Em troca de dinheiro e poder elegeram até
Jair, o messias do mal
Essa psicopatia é doença
Constatada até por Freud
Esse é o diagnóstico que você carrega
Até depois da morte
Mostre-me quem realmente é
Permita que o fiel te veja...
Não é uma clemência por Deus
e sim para o lobo pastorando a cega ovelha
A maldade em seus olhos não se esconde
Fala tanto em Deus
Mas segue à risca os ensinamentos

Do anjo caído de tantos nomes
Se for para cair, que caia dez mil de cada lado
Caso eu seja um desses
Te levo para inferno
Verme engravatado
Teatro encenado, interpretando possessão com o próprio diabo
Ganhando alguns trocados, com o medo do fiel que crê
Mas cuidado...quanto mais você olha para o abismo
Mais o abismo olha para você
Se quiserem então que me crucifiquem...
Bem no meio do seu templo
E no terceiro dia eu volto
E te conto tudo sobre Lúcifer
Seu futuro companheiro

Texto vencedor do *Slam* realizado em junho de 2019, o tema centra-se nas questões da falsa religião e dos falsos líderes, que usam a *Bíblia* como meio de obterem lucro. As expressões do jovem poeta demonstram certo conhecimento da *História Sagrada*, bem como senso crítico acerca dos preceitos bíblicos. Como se trata de uma poesia engajada, o autor sente a necessidade de “dar nome aos bois” associando àqueles que ele julga que usam o nome de Deus em vão. Há um interessante jogo com o gênero oração, que ocupa os primeiros versos do texto e que funciona estilisticamente no plano da metalinguagem: ao denunciar os falsos profetas, o texto serve-se de uma pseudo-oração e o sujeito poético apropria-se, assim como aqueles a quem ataca, das expressões bíblicas numa tentativa de mostrar que elas são neutras e podem servir tanto para o bem, no caso ao sujeito que denuncia os falsos profetas, quanto para o mal, no caso daqueles que usam esses termos como modo de ganhar “alguns trocados”. Esse aspecto da dialética entre o bom e o mau uso dos exemplos bíblicos é reforçado pela última estrofe do poema, em que o sujeito assume uma postura crítica que intertextualiza, inclusive, o episódio da visita que Cristo teria feito aos infernos depois de sua morte e que é recuperado na oração católica do Credo: “[Cristo] foi crucificado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia...”.

Ainda que mescle o uso de pronomes pessoais e possessivos de modo não padronizado, uso do “teu/seu”, no geral, o poeta revela um bom domínio da língua portuguesa formal e, talvez até pela temática que desenvolve, não utiliza termos chulos para adjetivar aqueles a quem ataca. Isso prova que o uso de expressões grosseiras não é uma estratégia vazia ou apenas para provocar adesão do público, mas que o produtor do texto sabe bem quando e como empregá-las.

4-CONCLUSÃO

A ETEC Martin Luther King atende a jovens de diversas regiões da cidade, não só da chamada periferia - estudantes de baixa renda -, mas há também os procedentes de escolas particulares que buscam o ensino técnico para uma qualificação mais rápida para o trabalho ou um tipo de formação mais prática, diferente das escolas tradicionais. O ambiente e o público são bem diversificados, o que enriquece muito as vivências e os relacionamentos humanos e, por outro lado, não livra a instituição das dificuldades e dos problemas comuns na atualidade escolar.

A área de língua portuguesa permeia todas as outras áreas o que exige que ela não seja estudada de modo compartimentado, conforme foi destacado na fundamentação teórica deste trabalho centrada nos *PCNs*. Mais do que se centrar no estudo das regras, as práticas de ensino e

aprendizagem da língua devem buscar o desenvolvimento do senso crítico dos alunos formando-os não apenas para o mundo do trabalho, mas para o exercício da cidadania.

A língua não deve ser vista como instrumento de opressão, mas como elemento humanizador. Neste sentido, o que cativa e estimula os jovens no ambiente escolar a encará-la desse modo é a forma como os conteúdos são trabalhados. A sala de aula rígida e secular, muitas vezes, constitui um entrave para o aprendizado. Desta forma, os “Círculos de Leitura” e o “*Slam – Batalha de poesias*” são formatos não necessariamente novos, mas um pouco diferentes da rotina, são também espaços de convivência, de interlocução, de protagonismo, experiências de que muitos jovens sentem falta, principalmente os que moram nas grandes cidades em que o contato humano e social é difícil. Esses novos projetos constituem uma experiência enriquecedora também para o professor, que partilha o ensinar e permite-se aprender com os estudantes que trazem sempre uma bagagem muito rica de vivências.

Os resultados deste trabalho mostram que, sem um grande investimento financeiro, por meio de planejamento e integração entre diferentes projetos, é possível melhorar significativa e positivamente as práticas pedagógicas nas escolas.

5-REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio – Parte II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.
- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- D’ALVA, Roberta Estrela. *Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.
- LOPONDO, Lílian (Org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas/FFLCHQUSP, 1998.
- MOISÉS, Massaud. *A Criação literária – poesia*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MORTATTI, Maria do Rosário L. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*. Pelotas, v.3, n.6, p. 69-77, out. 1999.
- MORTATTI, Maria do Rosário L. *Os sentidos da alfabetização: (São Paulo – 1876-1994)*. São Paulo: Unesp, 2000.
- PAGÉS, Catalina & LAMAS, Maria Aparecida (orgs.). *Círculos de Leitura: a arte do encontro*. São Paulo: Recriar Editorial, 2018.
- SARAMAGO, José. *O Conto da ilha desconhecida*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- STELLA, Marcello Giovanni Poci. *A Batalha da Poesia... Ponto Urbe* [Online], 17 | 2015, posto online no dia 15 dezembro 2015, consultado em 17 julho 2019.
- URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2836> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2836